



## 9º Seminário de Extensão

### UMA BELA TRANSFORMAÇÃO PARA O NÓS

#### Autor(es)

MARCIA ERIKA NAKAGAWA

#### Orientador(es)

Mariá Aparecida Pelissari

#### 1. Introdução

Partindo do pressuposto que o movimento grupal é o espaço de transformação do Eu e Tu em Nós, Reboredo (1995) fez um estudo sobre grupos e constatou que é a partir deles que se formam indivíduos para a convivência comunitária com a perspectiva de transformar a sociedade, a qual detém uma estrutura com bases na dominação e exploração do homem. Nesse sentido, a autora destacou as proposições

de Sartre sobre as categorias para análise do movimento grupal, chamadas por ele de: Serialidade, Fusão da Serialidade, Juramento, Organização, Fraternidade Terror e Institucionalização. No grupo há

diversas possibilidades de se estabelecer relações que surgem por decisão dos membros. São estas relações que dão o sentido de criação do grupo, constituem o momento e o movimento grupal. As significações criadas são produto da práxis humana e vão sendo assumidas a cada momento, a qual condiciona o seguinte, processualmente. Quando uma pessoa se conscientiza de sua alienação e de seu isolamento, pode elevar-se à Fusão, condicionar o aparecimento do Juramento, com este a Organização, a Fraternidade-Terror até a Institucionalização. A Serialidade constitui uma relação humana onde todos

os indivíduos são substituíveis, pois assumem a condição de “coisa” e inexistem uma unidade interna. Predomina o isolamento e a alienação, como pessoas paradas em um ponto de ônibus. Nenhuma pessoa tem em comum com a outra. Para Chauí (1997), alienação implica em um fenômeno “pelo qual os

homens criam ou produzem alguma coisa, dão independência a essa criatura como se ela existisse por si mesma e em si mesma, deixam-se governar por ela como se ela tivesse poder em si e por si mesma, não se reconhecem na obra que criaram, fazendo-a um ser-outro, separado dos homens, superior a eles e com poder sobre eles” (CHAUÍ, M. 1997, p. 170). A alienação ocorre pelo desconhecimento das

condições históricas-sociais concretas em que vivem os indivíduos. Pode se fazer presente tanto numa situação individual quanto coletiva. Está relacionada com a ideologia, que é uma falsa compreensão da realidade. “A função principal da ideologia é a de ocultar e dissimular as divisões sociais e políticas, dando-lhes a aparência de indivisão e de diferenças naturais entre os seres humanos” (CHAUÍ, M. 1997, p. 174). Reboredo (1995) afirma que apesar da alienação fazer parte da práxis humana, o indivíduo

nasce na condição de alienado e deve lutar contra essa condição. O grupo pode empreender uma luta constante, sem tempo determinado, para sair dessa condição de alienação, pois apresenta condições que

possibilitam a aglutinação e o movimento grupal, tais como: a solidão, a reciprocidade e a unificação na exterioridade. A práxis, como uma ação refletida e como ação transformadora das circunstâncias e da atividade humana, pode ser um movimento contra a alienação, contra a Serialidade. Superada essa condição, as relações recíprocas e ternárias fundamentam as relações entre os homens e a reciprocidade apresenta-se como instrumento para a realização do projeto do outro. Com a aproximação dos indivíduos e a superação do sentimento de solidão ocorre o movimento da Fusão. O descobrimento do outro, através da práxis, torna-se muito significativo. Essa tarefa apresenta-se comum e consciente a todos os integrantes do grupo. Um depende do outro e as necessidades comuns começam a ser percebidas. Dessa forma, são definidos os objetivos comuns e as estratégias para materializá-las. O momento do Juramento implica num sentimento de pertinência ao grupo, sentem que “todos são irmãos”. Os indivíduos vivem mais intensamente do que na Fusão. As atenções são voltadas para as questões valorativas e afetivas presentes nas relações interpessoais. O grupo prioriza as relações de poder para perspectivarem o objetivo a ser perseguido, ou seja, o grupo busca normas orientadoras para efetivar ações instrumentais. Na Organização, o grupo institui-se como espaço privilegiado para materializar a individualidade, ou seja, os indivíduos são compreendidos de acordo com uma visão bio-psico-social. O coletivo se eleva à condição de grupo, que consegue visualizar os meios e os fins dos objetivos numa perspectiva ética. As tarefas são realizadas a partir das potencialidades de cada membro e das condições existentes. Os terceiros mediadores surgem, possibilitando a qualidade de ação e reorientação do poder no grupo. As dimensões valorativas, afetivas e operativas são trabalhadas dentro de um equilíbrio. Na Fraternidade-Terror, o grupo busca controlar a dispersão através de uma postura autoritária, ou seja, através de medidas duras. A Institucionalização implica em separação dos membros do grupo para uma especialização, o que possibilita a dispersão. Como o exercício do poder aparece, as relações de interdependência evoluem para uma hierarquização. Observa-se que em muitos casos, há a necessidade de estabelecer um chefe, um presidente para o grupo. A grande questão é a definição permanente. Esse momento significa uma necessidade para que o grupo consiga reorientar a práxis. Essa tendência para perder a mobilidade das relações interpessoais caminha em direção à Burocratização, onde os papéis sociais se cristalizam, a estrutura sobrepõem-se à dinâmica das relações sociais e o autoritarismo torna-se presente nas relações. Dessa forma, essas categorias permitem a análise do processo grupal conforme um método e instrumento teórico. Buscam resgatar o projeto-individual-coletivo e capturar mediações a fim de construir relações baseadas do Nós.

## 2. Objetivos

---

Este trabalho objetivou fortalecer mecanismos psicológicos e sociais que permitiram a organização e a conscientização das pessoas: a evolução da relação Eu e Tu para o Nós, como sujeito da ação.

## 3. Desenvolvimento

---

Este trabalho foi realizado com um grupo de portadores de esclerose múltipla, num hospital em Sorocaba, no período de 17/03/06 a 29/06/07, totalizando 49 encontros grupais. A primeira situação, da metodologia utilizada, buscou a aglutinação dos pacientes, cujas necessidades sociais comuns foram os aspectos motivacionais para conversarem e se reunirem. Agrupadas essas pessoas, as dimensões afetivas, operativas e valorativas destinaram a um equilíbrio através das ações educativas do profissional. O diagnóstico, a intervenção e a análise foram momentos conseqüentes e sucessivos do mesmo processo. Para intervir, selecionou-se algum aspecto contraditório da realidade para ser convertido em categorias para a análise psicossocial através de técnicas grupais, selecionadas com base no diagnóstico realizado e de acordo com as intencionalidades teóricas do coordenador. Ao dar o feed-back, o coordenador deve desvendar as dificuldades e facilidades do grupo, experienciadas nas três dimensões (afetiva, valorativa, operativa), deve ter conhecimento e sabedoria para avigorar a confiança entre ele e o grupo, o que corrobora para o coordenador se tornar “o outro significativo”. O coordenador deve ser um agente observador atento que possa registrar os fatos empíricos ou encoberto que se referem à conduta individual ou grupal. Como forma de registro de dados, o diário de campo foi feito de modo narrativo no mesmo

dia dos encontros. Implicou em recontar a história vivida sob o crivo da teoria e dando um sentido teórico para ela. Essas narrativas foram feitas em cadernos com capa dura, com uma formatação da margem de 5 cm à direita para serem facilmente identificados os fatos mais importantes. Os recortes do diário de campos constituem a cédula de campo, que são categorias organizadas de forma sistemática dos dados a serem analisados

#### 4. Resultados

---

Os 19 primeiros encontros com os pacientes caracterizaram-se por um trabalho de aglutinação tanto deles quanto dos profissionais. Os pacientes demonstraram isolamento, não conhecimento do outro apesar de frequentarem o hospital há um bom tempo, desorganização ao decidir algo (passeios). Apesar disso, demonstraram flashes de organização como: Jantar Dançante para arrecadar verbas, suspensão da atividade por haver poucas pessoas no encontro. As técnicas grupais foram direcionadas mais para o conhecimento de si e do outro. A equipe de profissionais tinha alta rotatividade, dificuldades no relacionamento entre eles, todos ficavam juntos no momento grupal. Houve um trabalho de organização dos profissionais e retirada dos mesmos no momento grupal. A partir daí, iniciou o processo grupal. No 15º encontro, os pacientes falaram sobre o tema que gostariam de abordar no grupo. Escolheram: política, esclerose múltipla e jogos de memória. A meta escolhida pelos próprios pacientes foi discutir sobre a Esclerose Múltipla, pois em muitos encontros eles falavam sobre isso. Para atingir o objetivo, foi preciso uma preparação processual da parte psico-emocional, individual e coletiva. Para iniciar o processo grupal no 19º encontro, o tema memória foi escolhido. Esse tema foi trabalhado até o 33º encontro. No 21º encontro, mostraram estar no momento da Fusão da Serialidade, pois já havia uma certa preocupação com o outro (um paciente chegou atrasado e se sentou fora da roda, outros 3 pacientes o chamaram para se incluir), todos ouviam com atenção a história de vida do outro. No 22º encontro, houve um movimento progressivo-regressivo da Fusão da Serialidade para a Serialidade. Estavam discutindo sobre a música O que é, O que é, do Gonzaguinha, quando houve uma disputa entre dois pacientes para falar, dois pacientes se retiraram do salão, voltando para o isolamento. No 25º encontro, apresentou o momento de Organização do grupo: começamos o grupo atrasado. Uma paciente ficou insatisfeita com o atraso e combinou com os outros pacientes para iniciarem o grupo no horário marcado na próxima semana. Percebeu a necessidade de iniciarmos no horário por causa de uma outra paciente, que geralmente não pode ficar até o final. Mostraram também forte sentimento de pertença no grupo: um briga entre dois pacientes estava ocorrendo, por isso um deles estava com dificuldades em vir ao grupo. Mas, nesse encontro, ficou emocionado e falou da importância do grupo para ele, disse “é por isso que eu não consigo deixar o grupo”. No 29º Encontro, uma paciente igualou a EM com a diabetes, tornando a doença mais amena, mais natural. No 30º encontro, ao fazer o fechamento do ano, um paciente disse que fez um resgate de sua vida, mostrando a importância do trabalho com eles. A partir do 33º encontro, o tema memória se expandiu, abrangendo a afetividade. Trabalhei memória e sentimento nesse encontro, a relação entre pensamento e sentimento no 34º encontro, identificação dos sentimentos do 35º ao 37º encontro, expressão dos sentimentos do 38º ao 43º encontro e a esclerose múltipla, do 44º ao final. Durante o trabalho de expressão dos sentimentos, o grupo literalmente se expressou diante da perda de um caixa de uma paciente. Mostraram como reagem diante do sentimento de perda (irritação, agressividade, acolhimento), o que ocorre em decorrência da doença. Durante o 33º encontro até o final, eles se mantiveram no momento de organização do grupo, mostraram autonomia: uma paciente fez o fechamento do grupo, no 46º encontro. No 47º encontro, o grupo se configurou para iniciar o grupo sem nenhuma intervenção (os pacientes que estavam fora da roda, foram incluídos por outros pacientes, houve comentário sobre a percepção do outro e da situação, uma paciente pediu silêncio para falar sobre o tema a abordar). Era comum, durante a conversa, um paciente apontar para o outro falar. Quanto à doença, uma paciente comentou que apenas deram um nome para ela, mas que continuava a mesma, ou outra disse que leva a vida normal e apenas quando está com fadiga, descansa mais.

#### 5. Considerações Finais

---

Este grupo em estudo demonstrou o valor da ação coletiva que foi se constituindo historicamente. Num primeiro momento, ocorreu a aglutinação tanto dos pacientes quanto dos profissionais. Somente a partir disso, foi possível realizar um trabalho de conscientização e organização dos pacientes. De acordo com as Categorias Sartreanas, este grupo saiu da condição de alienação e de isolamento e atingiu o ápice da formação do grupo, a Organização, conhecendo o significado das relações interpessoais no movimento de construção do humano. Ocorreu o desenvolvimento das consciências individuais e superaram a condição de doentes para portadores. Dessa forma, é possível observar a importância de trabalhar com grupos e continuar com pesquisas sobre o mesmo.

## **Referências Bibliográficas**

---

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1997.

REBOREDO, L.A. De eu e tu a nós. Piracicaba: UNIMEP, 1994.